



## Sobreviver a Uma Cidade de Futebol

Desde sempre que os cadernos de desenho têm tido um papel central na produção de São Trindade. Foi uma relação que começou nos anos de formação, no desenho e na pintura e que se estendeu ao universo fotográfico que tem vindo a explorar. A esta prática, não tem sido alheia a natureza do próprio caderno em si, material e conceptual e dela dependem, em muito, os resultados. Ora são meros cadernos de apontamentos e de experimentação (se na realidade poderão ser apenas isso), ora ganham independência pela sua unidade e coerência e se transformam num objecto que se filia directamente num género de produção a que se chama *livros de artista*. Ao longo dos anos, os cadernos que tem utilizado já assumiram várias formas e feitios, desde os velhos livros de mercearia ou meros cadernos de folhas brancas feitos à mão, numa época em que era ainda difícil encontrá-los no mercado, a simples mas sofisticados cadernos japoneses de papel de elevada qualidade, cujas folhas se desdobram a partir do interior formando uma longa superfície única ou seja, frequentes vezes o carácter objectual do caderno assume uma importância vital quanto ao seu conteúdo.

Desta vez, o caderno foi substituído por um livro e nada como um livro para transportar a memória do caderno que muitas vezes começou por ser. O livro em questão é um catálogo de fotografia e resultou de uma exposição, *Uma Cidade de Futebol*, que teve lugar no Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, no auge da histeria colectiva que alastrou durante o Euro 2004 e onde agora regressa após uma longa viagem até Goa que é paralela a uma outra, de carácter mais íntimo e que se espelha, ora subtilmente ora de um modo mais directo, ao longo das suas páginas, num diálogo que ilumina mutuamente os dois tempos (e seria interessante repor este objecto em circulação, reintroduzi-lo no circuito de distribuição, como um livro literalmente *sobre* e não *acerca* de um outro livro).

Este catálogo reúne textos e fotografias e estas dividem-se em dois grupos distintos: um diz respeito ao passado histórico do futebol nacional com incidência especial nos clubes de Lisboa e na famosa, quase mítica presença da selecção nacional por terras inglesas nos idos de 66 ou as finais da taça no Jamor; outro, à visão de três fotógrafos contemporâneos sobre os espaços do futebol e a transformação que trazem à cidade ou a aspectos mais obscuros e menos conhecidos como é o caso do futebol feminino.

Este é assim o pano de fundo, a folha *não branca*, de que São Trindade parte, logo a partir da capa, primeira superfície a ser intervencionada com, como a própria certamente define, um auto-retrato.

A manipulação ou a intervenção directa sobre a fotografia é tão antiga quanto a técnica fotográfica. Primeiro para ultrapassar contingências, como a fixação e tradução da cor local, coloriram-se daguerreotípias manualmente ou provas em papel, como logo inicialmente Bayard fez. Mais tarde, por problemas técnicos na exposição equilibrada das zonas de luz e de sombra produziram-se as primeiras provas compósitas, inicialmente a partir de dois negativos diferentes que eram, por regra, de seguida refotografadas para esconder o efeito. Daqui passou-se naturalmente para a criação de cenas que pela sua complexidade não poderiam ser fotografadas numa única tomada de vista, desde as panorâmicas às grandes cenas de estúdio, caso em que Rejlander e Robinson são perfeitos exemplos. Há ainda que considerar a intervenção da mão do fotógrafo ou de alguém mais dotado para as artes do desenho e da pintura na correcção de defeitos da própria técnica ou mesmo do fotografado através da prática do retoque. Ainda no século XIX, assiste-se a uma junção de todas estas técnicas e manipulações, a que se junta a dupla exposição, na criação de imagens fantasiosas que nos falam de um mundo mágico próximo dos contos de fadas ou simplesmente de universos fantasmagóricos que, entre outras coisas, nos falam da natureza espectral da própria fotografia.

Já no século XX, a contaminação entre desenho, pintura e fotografia tem os seus inícios durante o cubismo onde a fotografia integra o desenho como uma chamada à realidade (é utilizada pelo seu grau de realismo-ilusionismo em relação ao que representa, aparecendo ao lado de papeis de parede ou jornais) e logo a seguir as vanguardas utilizam-na pelo seu valor material e poético em colagens e fotomontagens (sendo esta última técnica bastante utilizada em obras de carácter político no espaço entre as duas guerras). A fotografia torna-se também numa superfície de inscrição para práticas de desenho e pintura (com Man Ray e Duchamp por exemplo) ou em material para a construção de obras que reúnem um sem número de técnicas e que ainda hoje perduram.

É também sobre este pano de fundo que podemos ler este trabalho de São Trindade, sobretudo ao nível da intervenção em imagens pre-existentes, onde nos guia, muitas vezes com humor, através do comentário político, sobretudo em imagens que nos chegam do passado, ou do multiculturalismo no encontro de imagens entre o oriente que atravessa e o ocidente de que parte e que transporta no livro (também ele tocado por África e Brasil no que respeita à imagética da selecção de 66). Muitas das imagens são utilizadas apenas como suporte de intervenções de carácter mais abstracto aproveitando as pre-existências formais. A apresentação, sob a forma de projecção, propõe uma ordem de leitura, um ritmo e um tempo, pontuado aqui e além por imagens não intervencionadas, que surgem como contraponto a este trabalho de acumulação de camadas de sentido que acabam por se reflectir na totalidade do livro.